

Ipea prevê fim da recessão

● *PIB deve crescer 2% este ano movido pela recuperação na indústria*

Começou a circular nos gabinetes do Ministério da Economia, esta semana, uma das previsões mais otimistas sobre a economia brasileira em se tratando dos últimos tempos. O Grupo de Acompanhamento Conjuntural, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), na sua *Carta de Conjuntura* de agosto, está prevendo para 1991 um crescimento de 2% do Produto Interno Bruto (PIB), que mede a produção de bens e serviços na economia — interrompendo a recessão que no ano passado foi a segunda maior da história brasileira, com uma taxa negativa de 4%.

A volta do crescimento seria impulsionada pela indústria. O Ipea prevê que a produção industrial do país vai se recuperar a ponto de crescer 3,6% este ano, depois da queda de 7,4% em 1990. Por trás dessa retomada está o crescimento do consumo interno, levando o comércio a fazer mais encomendas aos seus fornecedores. Uma tendência que os técnicos

Os números do Ipea

	1990	1991 (*)
PIB (%)	-4,0	2,0
Indústria (%)	-7,4	3,6
Superávit (US\$ bilhões)	10,9	12,0

(*) Previsão

Fonte: Ipea-Rio

do GAC identificam no comportamento da indústria paulista, com produção crescente desde maio.

Cruzados novos — “Não vejo sinal de reversão, a menos que a inflação estoure”, comenta o economista José Cláudio Ferreira da Silva, coordenador do grupo. O primeiro impulso no consu-

mo, explica, aconteceu ainda em março, com a concentração de antecipações salariais. E a partir de julho a indústria teria começado a se preparar para enfrentar os cruzados novos, aumentando a produção.

Para se ter uma idéia da mudança de perspectivas, na ótica do Ipea, nas análises do mês passado — antes da entrada de mais informações sobre o nível de atividade na indústria paulista — as projeções eram crescimento de 0,3% do PIB mas ainda com recessão na indústria, onde a taxa seria negativa em 1,5%.

Setor externo — Ao mesmo tempo em que aponta uma economia retomando o crescimento, *Carta de Conjuntura* do Ipea adverte para resultados diferentes no setor externo. É que com o aumento do consumo no mercado interno já começa a se detectar uma mudança na estratégia das empresas, que passam a dirigir menos produtos para as vendas

externas. Ao mesmo tempo, as importações crescem. As previsões para o ano: exportações de US\$ 32,6 bilhões (3,7% a mais que em 1990) e importações de US\$ 20,6 bilhões, com um saldo comercial de US\$ 12 bilhões (+9,4%).

O Grupo de Acompanhamento Conjuntural classifica de modestas essas taxas de crescimento, lembrando que a renegociação da dívida externa passa a exigir maior remessa de divisas — para a retomada do pagamento dos juros aos bancos privados — e, além disso, o governo já vem tomando medidas para liberalizar as importações (como a redução das tarifas aduaneiras).

Outras advertências ficam para os preços. José Cláudio Ferreira da Silva comenta que a tendência é de uma inflação crescente, embora não explosiva. Mas recomenda uma atenção especial para os alimentos, em especial carne e laticínios. “Eles serão os vilões nas próximas semanas”, garante.